

A AVALIAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Maria Laura Maciel Alves
Universidade Federal de Pelotas

É meu objetivo, neste V Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura, promovido pelo Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e o Centro Yázigi de Educação e Cultura, relatar minha experiência como professora de francês do Curso de Letras do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas, no que se refere à avaliação. O Curso de Letras da UFPel foi criado em 1984 e já foi oficialmente reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura.

O primeiro aspecto importante a ser tratado dentro do tema proposto é, parece-nos, a não especificidade do exame vestibular da UFPel. Assim, para o Curso de Letras, os estudantes prestam provas como todos os outros, sem uma exigência maior de conhecimentos de língua estrangeira. A prova de língua estrangeira, geralmente centrada na compreensão de texto, consta apenas de dez questões e não tem peso valorizado na avaliação. A maioria dos alunos que escolhem a habilitação português/francês não estudaram francês no 1º e 2º graus. Grande parte dos estudantes são virgens em francês.

A avaliação durante o Curso de Letras reveste-se, pois, da maior importância. O aluno vai fazer toda a sua formação dentro do curso. Para que tenhamos profissionais competentes, que saibam expressar-se com fluência e correção oralmente e por escrito na língua estrangeira que escolheram, e que sejam capazes de ensiná-la, o rigor e a exigência se impõem.

O sistema de avaliação que venho utilizando há algum tempo procura avaliar o aluno constantemente, selecionando os melhores

e desencorajando os que não têm capacidade e vocação para o ensino da língua francesa.

Para maior clareza da exposição, tomarei um exemplo concreto e falarei sobre a experiência que tive no 2º semestre de 1988, no 4º semestre de Língua Francesa do Curso de Letras da UFPel. Os estudantes tiveram, nesse semestre, seis aulas de língua francesa por semana. Dois encontros por semana foram destinados à aprendizagem da língua francesa pelo método comunicativo "Archipel" e um encontro, à leitura e compreensão de textos literários. A cada aluno atribuí um grande número de notas (em torno de sessenta) por trabalhos feitos em aula e em casa. Grande parte desses trabalhos visaram desenvolver no aluno a expressão escrita e oral em língua francesa. Nesse semestre, escolhi contos de Maupassant para leitura. Depois de cada aula de leitura (em que se fez leitura em voz alta do texto, resumo, comentários, conversação, ditado, exercícios de vocabulário, etc.), exigi dos estudantes um trabalho sistemático em torno do texto, incluindo resumo por escrito, composição, exercícios de vocabulário, etc. Foi atribuído papel de destaque à criatividade do aluno. A composição girou em torno do texto estudado. O texto geralmente serviu de pretexto para a criação de novas histórias. Muitas vezes a leitura do texto era interrompida para que os estudantes imaginassem a continuação e o desenlace. Retomava-se, depois, o texto de Maupassant para confrontá-lo com as histórias inventadas pelos alunos. A partir de frases do texto estudado, os alunos fizeram trabalhos de composição muito interessantes, que lhes permitiram desenvolver, ao mesmo tempo, a expressão em língua francesa e a criatividade.

A par desse trabalho constante de avaliação, foram realizadas, durante o semestre, quatro provas escritas e duas provas orais. Duas provas escritas destinaram-se a avaliar o conteúdo lingüístico das unidades 7 e 8 e parte da unidade 9 do método Archipel. As outras duas versaram sobre compreensão e estudo de texto (texto desconhecido dos alunos) de Maupassant, com resumo, ditado, tradução, composição, exercícios de vocabulário. As provas orais constaram de leitura e compreensão de texto de Maupassant, inédito para os alunos.

O grande volume de trabalhos feitos em casa e a exigência constante de se manter em dia com a matéria fez com que os alu-

nos progredissem sensivelmente em língua francesa. Os que não tiveram fôlego, nem empenho, nem capacidade ficaram, naturalmente, para trás. Foram aprovados os alunos que realmente tinham capacidade para prosseguir os estudos.

Nesse 1º semestre de 1989, introduzi novas maneiras de avaliar na mesma turma, procurando sempre aperfeiçoar e melhorar meu sistema. Os alunos do 5º semestre de língua francesa começaram a apresentar em aula novelas de Colette (leitura e comentários). A avaliação foi feita pelos próprios estudantes, pelo aluno encarregado da apresentação e por mim mesma. Foi uma experiência interessante porque permitiu maior liberdade de expressão aos alunos e a possibilidade de se auto-avaliarem e de receberem sugestões dos colegas. Exigi também que lessem a obra de Camus *L'étranger* em casa, tendo sido realizada prova a respeito do livro.

Para concluir, direi que o princípio básico de minha maneira de avaliar é acreditar que o aluno tem muito para dar e muito para aprender. Se não subestimarmos nossos alunos, se acreditarmos que muitos deles são inteligentes, criativos e capazes, se oferecermos a eles oportunidade de se expressarem, se exigirmos deles um estudo sério e sistemático, nossa tarefa no Curso de Letras será coroada de satisfações. Tudo isso pede, da parte do professor e do aluno, empenho, dedicação, seriedade, muito trabalho, e também um pouco de fantasia e maleabilidade, sem o que nada se faz.

A maneira, pois, de melhorar o nível dos estudantes de Letras, de que tantos professores se queixam, acusando o ensino de 1º e 2º graus de não prepará-los para a universidade, é, acredito eu, exigir, dentro dos limites do possível, o máximo que se puder. Se nos contentarmos com um conteúdo mínimo e com um ensino frouxo e complacente, não seremos capazes de formar profissionais dignos desse nome e sim pessoas que se sentirão inseguras e hesitantes na atuação profissional e que passarão adiante um sistema capenga e deficiente. Não menosprezemos nossos alunos oferecendo-lhes cada vez menos. Acreditemos neles e em sua capacidade. Não sacrifiquemos os bons alunos em benefício dos nulos, insuficientes e incapazes. Saibamos valorizá-los e exigir deles o que de melhor têm. É essa exigência que motiva os alunos e faz com que queiram aprender cada vez mais. O bom professor é aquele

que ensina com competência e gosta do que ensina. Esse "amor à arte" é fundamental na aprendizagem e transmite-se aos alunos, que passam a apreciar e valorizar o que aprendem, sendo, futuramente, professores que repetirão e aperfeiçoarão o modelo que tiveram na universidade.